

Palavras-Chave: Candomblé; Conhecimento Científico; Cultura Afro-brasileira; Racismo Institucional; Segredo Ritual.

BETWEEN KNOWLEDGE AND SECRET: AN INSIDER NARRATIVES ABOUT BEING THE SAINT AND RESEARCHING CANDOMBLÉS

Abstract: The present study sought to reflect on the relationship between candomblé researchers and scientific studies about Afro-Brazilian religions/ancestralities specifically in the context of candomblés. This is a complex reflection that discusses the fine line between being a saint and researching the terreiro and its dimensions. As methodology, we conducted a critical review of the literature, specifically of the analyses and studies conducted by insider researchers, that is, “from within” the terreiros, and empirical observations from the experiences of the first and third authors who assume in the present study the condition of candomblé insider researchers. In light of the above, this becomes singular with regard to the oath of secrecy about sacred knowledge, the so-called *awo òrìṣà*. In this sense, considering the assumed objectives, the present study attempted to provoke the connection of issues such as candomblé, ritual secrecy and institutional racism, starting from a brief historical rescue of research on the people of the saint in Brazil.

Keywords: Candomblé; Scientific knowledge; Afro-Brazilian Culture; Institutional racism, Ritual Secret.

ENTRE LOS CONOCIMIENTOS Y EL SECRETO: NARRATIVAS INSIDERS SOBRE SER DEL SANTO E INVESTIGAR LOS CANDOMBLÉS

Resumen: El presente estudio buscó reflexionar sobre la relación entre los investigadores del candomblé y los estudios científicos sobre las religiones/ancestralidades afrobrasileñas, específicamente en el contexto de los candomblés. Se trata de una reflexión compleja que discute la fina línea entre ser un santo e investigar el terreiro y sus dimensiones. Como metodología, se realizó una revisión crítica de la literatura, específicamente de los análisis y estudios realizados por investigadores *insiders*, es decir, “desde dentro” de los terreiros y observaciones empíricas a partir de las experiencias del primer y tercer autor que asumen, en el presente estudio, la condición de investigadores *insiders* del candomblé. En vista de lo anterior, esto se vuelve singular en lo que respecta al juramento de secreto sobre el conocimiento sagrado, el llamado *awo òrìṣà*. En este sentido, teniendo en cuenta los objetivos asumidos, el presente estudio intentó provocar la conexión de temas como el candomblé, el secreto ritual y el racismo institucional, a partir de un breve rescate histórico de la investigación sobre el pueblo del santo en Brasil.

Palabras-clave: Candomblé; Conocimiento Científico; Cultura afrobrasileña; Racismo institucional; Secreto del Ritual.

ENTRE LES SAVOIRS ET LE SECRET: NARRATIFS INSIDERS L'ÊTRE DU SAINT ET RECHERCHE LES CANDOMBLÉS

Résumé: La présente étude a cherché à réfléchir sur la relation entre les chercheurs sur le candomblé et les études scientifiques sur les religions/ancestralités afro-brésiliennes,



spécifiquement dans le contexte des candomblés. Il s'agit d'une réflexion complexe qui aborde la frontière ténue entre le fait d'être un saint et la recherche du terreiro et de ses dimensions. Comme méthodologie, une revue critique de la littérature a été réalisée, en particulier des analyses et des études réalisées par des chercheurs *insiders*, c'est-à-dire "de l'intérieur" des terreiros et des observations empiriques à partir des expériences de premier et troisième auteur qui assument, dans la présente étude, la condition de chercheurs *insiders* candomblés. Au vu de ce qui précède, cela devient singulier en ce qui concerne le serment de secret sur les connaissances sacrées, le fameux *awo òrìṣà*. Dans ce sens, compte tenu des objectifs supposés, la présente étude a essayé de provoquer la connexion de questions telles que le candomblé, le secret rituel et le racisme institutionnel, à partir d'un bref sauvetage historique de la recherche sur le peuple du saint au Brésil.

Mots-clés: Candomblé; Connaissance scientifique; Culture afro-brésilienne; Racisme institutionnel; Secret rituel.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das pesquisas científicas *sobre e com* os candomblés têm se mostrado importantes por diversos motivos, tais como: a compreensão de sociabilidades, de elementos culturais e rituais, de acesso a comunidades e seus processos de construção identitária, bem como de amadurecimento metodológico para as investigações em comunidades tradicionais de terreiro. Por pesquisas científicas, compreendemos o interesse de diversas áreas sobre esse campo e suas características, notadamente a Antropologia e a Psicologia, que, ao longo do tempo, têm buscado não apenas inteligibilidades, mas também a construção de arcabouços teóricos e práticos para a aproximação com essas comunidades e seus elementos constitutivos.

No ambiente acadêmico, ultimamente tem se tornado comum estudar também aqueles que estudam os candomblés. Assim, em uma interessante mudança do foco de pesquisa, compreender a tipologia dos pesquisadores e pesquisadoras que se interessam em investigar essas manifestações religiosas pode representar importante contribuição teórico-metodológica nos estudos sobre os povos de terreiro, já que o lugar ocupado pelo pesquisador também influencia a ciência produzida, bem como o objeto eleito como foco da sua análise.

Desde a pesquisa de doutoramento realizada por Vagner Gonçalves da Silva, e que deu origem a seu livro *O antropólogo e sua magia* (SILVA, 2006), ao analisar o trabalho de campo e os textos etnográficos nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras, este pesquisador traçou pertinentes paradigmas metodológicos para

compreender aquilo que ele chamou de “observar Alice observando” (SILVA, 2006, p. 80). Ou seja, nas pesquisas sobre religiões afro-brasileiras convém estudar também aqueles e aquelas que estudam essa parcela do campo religioso no Brasil. Dessa forma, pensar quem estuda os candomblés torna-se também uma demanda que não se deve negligenciar.

Uma pequena digressão é necessária neste ponto, haja vista que a discussão sobre distanciamentos e proximidades é reconhecidamente tradicional tanto na Antropologia quanto na Psicologia (AMORIM, 2011) quando o assunto é o pertencimento do pesquisador à cultura que pesquisa. Na Psicologia, por exemplo, geralmente se percebe dois posicionamentos mais recorrentes: (i) um tende a rejeitar a aproximação muito estreita, como forma de evitar o enviesamento que, segundo essa perspectiva, poderia “contaminar” o dado pelo contato entre sujeito e objeto⁴, (ii) outro aceita e acolhe a proximidade como um potencial instrumento analítico rico e capaz de permitir um acesso privilegiado por parte do pesquisador a aspectos que seriam rechaçados pela atitude de distanciamento, outrora tão fortalecida em algumas tradições epistemológicas. Assim, pode-se afirmar que distanciamentos e proximidades sempre pertenceram a um terreno discursivo fluido e suscetível a diferentes movimentos como os que serão problematizados neste presente estudo.

Retomando a questão das aproximações e distanciamentos entre os candomblés e seus pesquisadores, há que se reconhecer que no cenário brasileiro essa discussão ganha argumentos específicos e que não podem ser prescindidos por quem se dispõe adentrar essa seara, ou *iniciar-se*, para empregar um dos termos que serão aqui problematizados. A propósito, o mesmo Vagner Gonçalves também problematizou, no livro citado anteriormente, a impressionante semelhança entre os ritos de iniciação nas religiões afro-brasileiras e no mundo acadêmico⁵.

Convém lembrar que, no seu papel de cultura religiosa constituída em solo brasileiro, os candomblés, certamente, têm e tiveram muito a ofertar para as mais distintas

⁴ Como se pode perceber, tal perspectiva parece por demais tributárias de concepções cartesianas do método científico.

⁵ Ver SILVA, V. G. *O antropólogo e sua magia* (2006, p. 112-113). Também retomamos essa relação existente entre a iniciação à vida acadêmica e ao candomblé em Araújo, P. C. *Desafios da antropologia contemporânea: elementos para se pensar o antropólogo insider no campo da antropologia das populações afro-brasileiras*. In: *Culturas negras e ciências sociais no século XXI: perspectivas afro-centradas*. Claudelir Corrêa Clemente & José Carlos Gomes da Silva (Orgs) (2018).



áreas de conhecimento e tem sido tema de pesquisas científicas há décadas. Dentre os intelectuais que protagonizam essas pesquisas temos nomes dos mais variados perfis, como Bastide (1961), Verger (2018), Prandi (2004), Carneiro (2008), Araújo (2012; 2018a; 2018b), entre outros. Todavia, não podemos ignorar que até poucas décadas as principais cabeças pensantes da academia brasileira eram fortemente influenciadas por perspectivas eugenistas (Bolsanello, 1996) e que, sendo os candomblés parte da herança cultural africana, tida por esse imaginário como inferior, os mesmos também foram vítimas dessa perspectiva reducionista e parcial (SILVA, 2019; GAIA, 2021a).

Em um lento desenvolvimento de seus horizontes, as universidades e centros de pesquisa brasileiros têm ampliado o acesso a seus espaços para pesquisadores de perfis marginalizados (Silva; Piotto, 2018; Gaia, 2021b), tal como o candomblecista. Nesse novo cenário, sobretudo o candomblecista negro, de origem pobre ou periférica, adentrou o universo acadêmico, íntimo dos saberes do terreiro e disposto a teorizar sobre eles (GAIA, 2021b).

A presença desses perfis no ambiente acadêmico-científico, incide diretamente sobre as estruturas da ciência brasileira e isto, por si só, não afeta apenas a dinâmica do mundo acadêmico, mas também a dinâmica cultural-religiosa da vida do pesquisador e dos candomblés, já que, o encontro desses diferentes saberes, que não são mutuamente excludentes, faz com que o pesquisador-religioso se posicione de forma sensível às possíveis mudanças, na tradição, posicionamento muitas das vezes tido pelos mais ortodoxos como negativo. E, nessa relação entre a tradição e a mudança, conforme aponta Araújo (2018b), com o advento da modernidade, a democratização das informações – e consequentemente dos saberes religiosos –, ganha força, o que não necessariamente significa a perda do poder sacerdotal, mas comprova a resistência e resiliência dos candomblés.

O candomblé é uma religião que segue padrões fortemente hierarquizados e seus conhecimentos acumulados são transmitidos, majoritariamente, através da oralidade (Araújo, 2018b; Silva, 2017; Santos Filho, 2020; Scorsolini-Comin; Ribeiro; Gaia, 2020). Isso significa que na perspectiva candomblecista a prerrogativa de ensinar cabe àquele que aprendeu. Ou seja, àquele que passou pelos procedimentos relativos à religião e recebeu, dos mais velhos na religião, o direito de ensinar àqueles que ainda não passaram pelos mesmos procedimentos ou ainda não receberam tal autoridade (Araújo, 2012; Araújo, 2018b). Neste estudo chamaremos esses direitos de maioria religiosa,



destarte, nos candomblés os detentores destes direitos assumem posições hierárquicas distintas como o *Ègbón mi* (do iorubá: meu irmão mais velho). No Candomblé Ketu⁶, por exemplo, a maioria religiosa é adquirida a partir da obrigação de 7 (sete) anos⁷ (SCORSOLINI-COMIN; RIBEIRO; GAIA, 2020).

Vale ressaltar, ainda, que o candomblé possui diversas nações e essas, por sua vez, possuem especificidades e semelhanças (Araújo, 2018b; Gaia; Vitória; Roque, 2020; Silva, 2019; Gaia, 2021a; Gaia; Vitória, 2021). Porém, como expõe Araújo (2018b, p. 25), o modo como as nações lidam “com o segredo ritual [...] obedece a modelos relativamente parecidos”, ou seja, costuram elementos que, mais do que revelar divergências, expressam movimentos de integração que nos são caros dentro da perspectiva da pesquisa em ciências humanas e sociais.

Tais conhecimentos acumulados são de enorme significância para a comunidade candomblecista e não devem ser repassados por/para qualquer pessoa. Trata-se, no Candomblé Ketu, do *awo òrìṣà*⁸, palavra de origem iorubá que significa segredo. Tanto por isso, pesquisadores *outsiders* que estudam o candomblé têm, necessariamente, seu trabalho limitado, pois não possuem, e nem devem possuir, acesso aos segredos ancestrais dessa religião, haja vista que esses são restritos aos adeptos/praticantes da mesma (Araújo, 2018). No caso de um pesquisador que detém esse saber *a priori* ou facultativo aos seus estudos acadêmicos, a regra persiste e o respeito pelo sagrado, de maneira geral, é o que deve prevalecer⁹. Nesses termos, os parágrafos aqui costurados pretendem discursar sobre o olhar “de dentro” e o olhar “de fora” nas pesquisas sobre candomblé, trabalhando os limites desse cenário a partir do juramento do segredo e com base no conceito de pesquisador *insider* (Araújo, 2018b). Consta destacar que não se trata apenas

⁶ A expressão “Candomblé Ketu” se refere a uma das diferentes modalidades das expressões afro-religiosas brasileiras, existindo uma certa multiplicidade delas como o candomblé angola, jeje, nagô, entre outras. No caso do Candomblé Ketu, trata-se de uma complexa herança cultural-religiosa tributária de povos e culturas iorubas, provenientes da África Ocidental, mais precisamente da chamada iorubalândia.

⁷ Segundo a linguagem do candomblé, as chamadas “obrigações” são ritos específicos aos quais os iniciados se submetem em períodos determinados de 1, 3, 5 e 7 anos (podendo variar de acordo com a tradição). Tais obrigações visam confirmar a iniciação e imprimir *status* hierárquico aos sujeitos, na estrutura interna da religião.

⁸ Neste estudo o *awo òrìṣà* será compreendido à luz do “segredo ritual no candomblé como forma de patrimônio do povo do santo” (Araújo, 2018b, p. 25).

⁹ No que toca aos cuidados éticos necessários no trato com essas fronteiras próprias da pesquisa sobre terreiro de candomblé e seus saberes religiosos, veja *Segredos do escrever e o escrever dos segredos*, In: O antropólogo e sua magia (Silva, 2006, p. 133-139).

do olhar “de dentro”, mas da possibilidade de construção epistemológica a partir desse olhar (SILVA, 2019).

Desse modo, este estudo costura-se pela antinomia interior e exterior ou, como alguns preferem, *insider* e *outsider*, na busca não por evidenciar diferenças decorrentes desses posicionamentos, mas de como esses lugares permitem ao pesquisador não apenas olhares diferenciados, mas corporificações distintas que marcam a trajetória de produção dos dados e, conseqüentemente, adquirem importância cabal na discussão das relações entre candomblé e academia, religião e ciência.

Portanto, o presente ensaio é suleado pelas perspectivas de Araújo (2012; 2018a; 2018b) e pautado sobre análise bibliográfica acerca do assunto. Este estudo constitui-se ainda a partir da necessidade de analisar o racismo institucional (ALMEIDA, 2018) nas universidades sobre suas bases no racismo científico e mencionar a linha tênue entre ser negro, ser acadêmico e ser do santo. Esse caminho epistemológico foi escolhido devido à observação empírica de que a academia brasileira tende a privilegiar perspectivas pautadas por pesquisadores brancos (GAIA, 2021B; ARAÚJO, 2018a; SCORSOLINI-COMIN, 2020; SILVA; PIOTTO, 2018) devido ao, cada vez mais denunciado, racismo institucional (Almeida, 2018). Apesar do advento das políticas de ações afirmativas também nesses espaços, pesquisadores lidos socialmente como brancos ainda são maioria nas instituições de ensino superior e nos centros de pesquisa do país (Silva; Piotto, 2018). Isso faz com que possamos concluir que tal fato deriva diretamente da escravidão e imprime suas marcas na vida do negro, já que, como explica Almeida (2018), o racismo e sua base estrutural opressora permitem, entre inúmeros fatores, *apartheids* raciais nos diversos âmbitos da sociedade brasileira (ALMEIDA, 2018). Interessa-nos, portanto, problematizar o ponto de vista e as estratégias metodológicas das pesquisas acerca do candomblé realizadas por pessoas brancas e “de fora”.

Dada a problematização acerca do racismo institucional (ALMEIDA, 2018) que privilegia as pesquisas e os resultados de pesquisadores brancos, há de se ressaltar que, de fato, não existe um pesquisador neutro (SCORSOLINI-COMIN, 2020). No caso de pesquisadores religiosos que estudam e professam o candomblé como religião pessoal, há quem entenda que uma ligação tão próxima a seu objeto de pesquisa possa interferir negativamente nos resultados da mesma (ARAÚJO, 2018a; RIBEIRO, 1978). Entretanto, partimos do princípio de que a estrutura racista pode afetar muito mais as conclusões de uma investigação - o que, como bem se sabe, já ocorreu no percurso da história, sendo o

2020). Por isso mesmo, para pensar este debate, há de se considerar que existem diferenças significativas também entre o pesquisador candomblecista branco e o pesquisador candomblecista negro, no que tange à corporificação do racismo associado a esse pertencimento religioso, social, étnico e cultural.

Na medida em que acompanha o negro e é fruto dos processos diaspóricos do mesmo, o racismo também pesa sobre os candomblés que então tem se posicionado como existência, resistência e re-existência cultural afro-brasileira (Nogueira, 2008; Gaia; Vitória; Roque, 2020). A postura ética de um pesquisador candomblecista na academia somente poderá contribuir para essa luta - luta no sentido de que, como qualquer instituição negra e anti-hegemônica no Brasil, o candomblé luta para existir - se este for um sujeito comprometido com os segredos rituais e respeitar esta cultura religiosa nos seus elementos constitutivos.

Cabe aqui a ressalva de que este pesquisador candomblecista do qual falamos, é o mesmo sujeito que superou o não-lugar acadêmico com o auxílio das políticas de ações afirmativas. Também é pertinente explicar que, ainda assim, a universidade permanece sendo um lugar de exclusão das populações marginalizadas, sobretudo da população negra, no que tange à prática do racismo institucional (ALMEIDA, 2018; SANTOS, 2003; SILVA; PIOTTO, 2018; GAIA, 2021b). Historicamente, como foi recuperado neste estudo, muitos daqueles que estudaram/estudam os candomblés se utilizaram/utilizam de perspectivas racistas, ainda que de forma indireta e não intencional, haja vista a capilaridade epistêmica do racismo. Temos como exemplo clássico dessa colocação os estudos de Nina Rodrigues (1862-1906) que partiram de um lugar de mais-saber, acadêmico, para deslegitimar expressões religiosas e culturais afro-brasileiras, assumidamente relegadas a uma condição de subalternidade, loucura ou subdesenvolvimento que deveria ser combatido por políticas higienistas. Seu clássico livro *O animismo fetichista dos negros baianos* (RODRIGUES, 2006) é um bom exemplo disso.

Assim, esses teóricos, ao pisarem nos espaços dos terreiros, promoveram a construção de inteligibilidades que não se comprometiam com a informação e a produção de um conhecimento favorável aos grupos pesquisados. Pelo contrário, muitas dessas pesquisas aprofundavam as assimetrias sociais, promovendo, como efeito – mesmo que não intencional - um combate às periferias, aos negros, às manifestações religiosas

associadas populações marginalizadas e seus adeptos, no caso, os candomblés e os candomblecistas.

O que é importante assinalar, nessa reflexão, é que seria ilusão crer que esta tendência racista está restrita ao passado e que no século XXI a academia esteja livre de tais associações. Afinal, uma das suas funções e características é ser hegemônica. Desta forma, toda a sua diversidade, quando esta existe, acaba saindo prejudicada. Entretanto, é válido pontuar que a academia pode ser mais do que isso através de ações como a valorização da cultura brasileira e do olhar “de dentro”. Ao assumirmos essa direção do olhar, promovemos a não redução da cultura afro-brasileira a uma única perspectiva, pois é essencial reconhecer a riqueza de sua diversidade se o intuito é pesquisá-la (Gaia; Vitória; Roque, 2020; Gaia, 2021a).

O SEGREDO RITUAL E SUAS DIMENSÕES NOS CANDOMBLÉS

De maneira geral, na perspectiva das dinâmicas culturais africanas, as quais são as matrizes do candomblé, os segredos da vida são transmitidos por meio de mitos pedagógicos que ensinam através da transmissão do conhecimento (OLIVEIRA, 2009). Na medida em que praticam sua função pedagógica, essa mesma perspectiva assume também que a forma de narrar os mitos cria a realidade que se pretende conhecer. Posto isto, faz sentido que o *awo òrìṣà* seja a espinha dorsal do candomblé, pois esta prática organiza aquela cultura religiosa, a qual acaba por produzir e recriar o segredo ritual (ARAÚJO, 2018b). Sendo assim, o *awo òrìṣà* é a via na qual configuram-se as hierarquias e determinam-se as relações internas de autoridade, tal como a fonte de poder de quem o detém (Araújo, 2012). Ou seja, uma vez que o candomblé é uma unidade hierarquizada e baseada na tradição oral (SILVA, 2019; ARAÚJO, 2012, 2018b; SILVA, 2017; SANTOS FILHO, 2020), a apropriação do segredo significa possuir um espaço na escala hierárquica do terreiro (ARAÚJO, 2018b).

Chamamos de segredo ritual ou *awo òrìṣà* aquelas práticas ou procedimentos e fundamentos restritos aos iniciados, pais ou mães de santo e/ou aqueles iniciados que já atingiram a maioria religiosa podendo ter acesso irrestrito aos chamados “fundamentos” da religião. Por “fundamentos da religião”, nos orientamos na perspectiva de Araújo (2018b, p. 26) que, por sua vez, o define como: “O conjunto de conhecimentos religiosos [...] coletivamente construídos, preservados e transmitidos, seja de forma

vertical (através da iniciação e das relações hierárquicas) ou horizontal (através das redes de solidariedade entre sacerdotes/sacerdotisas, casas, tradições, famílias de santo, etc)”.

Na pesquisa de Silva (2017) vemos candomblecistas colocarem a importância do segredo no candomblé, afirmando enfaticamente que este deve ser restrito a seus adeptos. Uma das entrevistadas desse estudo afirma que o candomblé é "feito de muito segredo", o que apenas confirma que este seja um dos eixos centrais dessa cultura religiosa. Silva ainda nos explica que, nesse contexto onde prevalece a oralidade, a fala é vista como um segredo e que a escrita é sinônimo de revelar o *awo òrìṣà*, pois possibilita o acesso do mesmo aos não preparados, àqueles que não devem deter esse saber. Segundo os relatos de sua pesquisa, entende-se que a experiência é a principal forma de adquirir sabedoria, de entender o segredo, propositalmente apreendido pela oralidade, mas sobretudo compreendido através da experiência (SILVA, 2017). A ênfase na experiência aponta para o fato de que não basta apenas ouvir. No candomblé é preciso vivenciar, corporificar.

No entanto, abre-se a possibilidade de se refletir sobre o poder da escrita como aquela que poderia revelar um determinado fenômeno – no caso, o segredo ritual – justamente por materializar o que era oral e o que se corporificava, se experienciava. A escrita passa a ser temida como uma possibilidade de revelação de algo que, anteriormente, dava-se no nível sensorial. Mesmo ao descrever as experiências, em uma pesquisa etnográfica, por exemplo, correr-se-ia o risco de revelar a um outro um segredo que anteriormente haveria de circular apenas entre os *iniciados*. Uma metáfora autorizada a partir dessas associações refere-se também ao terreno do mundo acadêmico, nessa epistemologia científica que, em nosso país, é relegada a poucos e a poucos com marcadores sociais específicos, como a cor da pele. Para entrar nesse terreno científico também seria necessário compartilhar de uma certa etiqueta, de um modo de ser – dever-se-ia, portanto, ser um *iniciado*. A iniciação científica, reconhecida como uma fase de preparação para a atividade acadêmica, por exemplo, pode ser traduzida como um dos ritos de passagem para quem deseja se tornar pesquisador. Igualmente, discute-se que nem sempre essa iniciação científica se revela aberta a todos, mesmo aqueles que circulam nos espaços acadêmicos. Adentrar a ciência, desse modo, seria também uma forma de *se iniciar* e essa iniciação não seria consentida sem o domínio do segredo próprio desse campo.

Voltando ao candomblé, a vivência ou experiência só pode ser detida por aqueles adeptos/praticantes que possuem maioria religiosa, pois essa se dá no cotidiano do

terreiro e espera-se que esses já possuam tais conhecimentos. Portanto, sustenta-se que são os mais velhos que detêm os saberes, enquanto os mais novos precisam ter paciência e aguardar o tempo certo para ter acesso ao segredo ritual (SILVA, 2019). Ainda assim, em razão da vivência e seu valor, os iniciados no candomblé, mesmo os que ainda não atingiram a maioria religiosa, detêm um certo grau de saber acerca dos segredos rituais - mesmo que de forma primária - por já terem participado de parte deles no cotidiano do terreiro. Qualquer nível de iniciação no candomblé, por exemplo, pode ser interpretado como um domínio, em certa medida, do que vem a ser o segredo – ou os segredos.

O ato de recobrar esses segredos rituais guardados é um imperativo de restauração do poder mágico da religião (PRANDI, 2004), este é um dos caminhos que faz do candomblé um símbolo de resistência afro-diaspórica (GAIA; VITÓRIA, ROQUE, 2020; NOGUEIRA, 2008). Todavia, como bem coloca Araújo (2018a), alguns segredos já circulam nas diferentes mídias e têm domínio público, justamente pelo histórico percurso dos estudos acadêmicos acerca do candomblé de viés epistemológico racista. Isso também fez com que o *awo òrìṣà* fosse por muito tempo posto, racista e erroneamente, como diabólico (Prandi, 2004). Isso fez com que ao candomblé e seus adeptos fossem atribuídas características desse anticristo que não possui nenhuma representação no contexto candomblecista (Gaia, 2020). Dentro disso, a atual situação acerca dos segredos do candomblé é exposta na conclusão de Prandi (2004, p. 236) que faz o seguinte apontamento:

No terreiro aprendem o quanto é valorizado o saber religioso. Há tesouros a descobrir em termos da mitologia e dos ritos, segredos perdidos a recuperar. Frequentemente, vem a decepção: os segredos são de polichinelo, acrescentam pouco ou quase nada ao que se sabia e praticava antes. Pior que isso: mais saber religioso não confere necessariamente mais poder, seja o poder de mando seja o de manipulação mágica. A procura, entretanto, não cessa, outros caminhos são buscados [...]. Acreditam que sempre é tempo de recuperar a tradição que não chegou até os dias de hoje, adaptando-a para o presente da religião, pois em algum lugar ainda existe, conforme repetem com muita frequência, muitos segredos guardados.

E, convenhamos, o grande vetor dessas mudanças tão recorrentes vai muito além do dinamismo natural das culturas, e está ainda diretamente associado a *maafa*¹⁰ (ANI,

¹⁰ As mazelas e as desigualdades sofridas pelos sujeitos e culturas africanas no último movimento afro-diaspórico, conforme conceituou Marimba Ani (1994).

1994) e ao epistemicídio¹¹ (CARNEIRO, 2005), também dela decorrente. Ao passo que estas últimas insinuam um genocídio em jogo contra a população negra, a manutenção das tradições do terreiro, independente da nação, são danificadas, quando não interrompidas ou mal apropriadas, de forma que caem em certa banalização.

Possivelmente, em termos conceituais, a ideia que melhor se aproxima da denúncia que este parágrafo pretende destacar é a questão apresentada por Nascimento (2016) da folclorização das culturas afro-diaspóricas no Brasil, justamente na obra onde o autor acusa o genocídio da população negra no país. Desta forma, a importância de um pesquisador que traga perspectivas *insiders* para a academia, como foi Abdias do Nascimento (1914-2011), trata-se de parte do combate ao epistemicídio, o que, por sua vez, amplia percepções antes reduzidas pelas paredes do racismo científico e institucional. Portanto, a próxima seção intenta trazer reflexões acerca deste sujeito pesquisador na posição de candomblecista, dialogando com as duas seções anteriores: o racismo na academia - ou institucional - e a relação do segredo guardado pelos adeptos do candomblé, num espaço que busca desvendá-los e que poderá concebê-lo dentro de uma perspectiva de folclorização, assumindo um perigo histórico de desrespeito para com a religião. Em termos de conduta ética, cabe a este pesquisador não somente o desafio de preservar os segredos rituais, mas, ainda, de redefinir a pesquisa científica com relação ao candomblé enquanto campo de estudo.

A PESQUISA CIENTÍFICA E O “SER DO SANTO”

Até aqui pudemos compreender que os elementos sagrados dos candomblés são compostos pelo segredo ou *awo* e que “ser do santo”, ou pertencer ao candomblé, permite ao pesquisador uma perspectiva interna, ou seja, “de dentro”. Sobre isso Araújo (2018a), nos ajuda a entender que a esta categoria de cientista costuma-se dar o nome de pesquisador *insider*. Ser *insider*, contudo, acarreta privilégios e responsabilidades. No caso dos iniciados, por exemplo, é preciso muito cuidado para não expor o segredo ritual dos candomblés nos trâmites de uma pesquisa científica. Principalmente quando já se

¹¹ Movimento caracterizado pelo rebaixamento da confiança provocado aos sujeitos negros pelo racismo e entre outros aspectos “pela desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano ao patrimônio cultural da humanidade, pela indução ou promoção do embranquecimento cultural, etc”. (Carneiro, 2005, p. 324)

conhece *a priori* tal/tais segredo/s, já que no momento da iniciação na religião fora feito o juramento de segredo pelo/a iniciado/a.

O juramento do segredo pode se aproximar das epistemologias ditas científicas quando discutimos, por exemplos, os termos éticos para a realização das pesquisas científicas. No campo das pesquisas realizadas em terreiro, contemporaneamente, a Resolução nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde abriu a possibilidade de que as reflexões de ordem ética possam ser realizadas para além das normativas institucionais, mas abarcando elementos do contexto, a exemplo da palavra do sacerdote como consentimento para a realização de uma pesquisa ou, no caso do segredo, da reafirmação da interdição dessa revelação na consecução do trabalho (SCORSOLINI-COMIN; BAIRRÃO; SANTOS, 2017). Ainda segundo Araújo (2018a), é comum estudiosos se iniciarem em seus respectivos objetos de pesquisa, seja às culturas ou às religiões, além, evidentemente, daqueles que compuseram a academia depois de compor o terreiro. O conceito de pesquisador *insider*, portanto, trata daquele sujeito que incita uma revisão de sua ciência, ao passo que sua posição o obriga a repensar a si mesmo. A ideia de pensar um pesquisador *insider* é, então, na perspectiva de Araújo (2018a), a de repensar a própria área de pesquisa na qual se atua, de forma a propor uma ciência ou campo de estudo autorreflexivo.

Ser um pesquisador *insider* se trata de evidenciar epistemologias alternativas a fim de provar o epistemicídio, já há tempos denunciado por populações não brancas (Araújo, 2018a; Carneiro, 2005). Tanto por isso, Araújo (2018a) coloca que a presença de pesquisadores *insiders* nas universidades representa uma revolução epistemológica no seio da academia. Araújo (2018a) faz uma comparação acerca da sua área de estudos — a antropologia — que serve para os demais campos acadêmicos ao afirmar que, tal como as relações sociais estão sempre em construção e as culturas são dinâmicas, a ciência e o pesquisador participam desse processo que é de permanente construção. Ainda de acordo com o autor, o campo de pesquisa das religiões afro-brasileiras é um espaço privilegiado para pensar a condição de pesquisador *insider*.

Araújo (2018a) também tece um histórico acerca dos pesquisadores *insiders* na academia brasileira, evidenciando nomes como o do pioneiro Edison Carneiro (1912-1972) e a estadunidense Ruth Landes (1908-1991). Na perspectiva apresentada pelo autor nesse estudo, no Brasil, pesquisadores *outsiders* e *insiders* trabalham em mútua colaboração nos estudos sobre os candomblés, o que levou, em alguns casos, até a

estruturação de um pensamento etnológico *insider*. Pode se entender ainda, a partir do exame exposto por Araújo (2018a), que os pesquisadores *insiders* marcam um momento importante nas ciências sociais no Brasil. Todavia, consta a ressalva de que certamente esses pesquisadores não costumavam ser prestigiados pela academia brasileira, tendo a legitimidade de seus resultados questionados com frequência (Araújo, 2018a).

Os pesquisadores *insiders* no Brasil, ainda segundo as reflexões desse autor, trabalharam pelo reconhecimento da ciência produzida por eles, afirmando que sua condição de *insider* muito poderia colaborar para os estudos acadêmicos como um todo. No contexto da pesquisa *sobre* e *com* os candomblés, a condição de iniciado do pesquisador pode ser um elemento que torne crível o seu relato pelo fato de que, para estar do lado “de dentro”, esse mesmo lugar lhe fora permitido. Ou seja, houve um consentimento, notadamente por parte de um dirigente da comunidade. Assim, quando se pode entrar, pode-se interpretar esse movimento como uma garantia de legitimidade para a pesquisa.

Entretanto, existem autores tidos pelo campo acadêmico como clássicos que não escaparam de ser acusados de racismo, mesmo sendo do santo, ou assim se classificando. Pierre Verger é um exemplo disso. Não se trata aqui acusar o autor ou suas obras de racistas. Até porque, reconhecemos a inegável contribuição que este teve para a difusão da cultura afro-brasileira, no Brasil e no mundo, e sabemos de seu reconhecimento científico, haja vista que muitas de suas obras são amplamente citadas em inúmeros estudos acadêmicos (Castro; Santos, 2019) e até mesmo costumeiramente lidas pelo povo de terreiro. Mas, considera-se válido problematizar que sua condição de branco estudando o negro permitiu resultados que culminaram na reprodução de parte do racismo existente no panorama internacional acerca das heranças culturais africanas na diáspora (Gaia, 2020).

Para muitos religiosos, Verger (2018) cometeu um grave equívoco ao revelar segredos rituais dos candomblés, publicando fotografias que não costumam ir a público exatamente por compor o arcabouço dos fundamentos da iniciação nos candomblés. O seu livro *Orixás* (2018) seria um exemplo emblemático dessa afirmação. É importante pontuar que Verger (2018) teve o cuidado de utilizar imagens do ritual sendo realizado na Nigéria, mas como a dinâmica de seu livro retrata as continuidades entre as iniciações no Brasil e em África, não é preciso escrever que o ritual realizado no Brasil é igual, pois

a mensagem fica implícita¹². Na edição de 2018 deste mesmo livro, ao assinar o Prefácio, com 92 anos e pouco tempo antes de falecer, a ialorixá do Ilê Axó Opô Afonjá (Salvador, BA), Mãe Stella de Oxóssi, admitiu o quanto a obra de Verger inicialmente se mostrou controversa para muitos religiosos, inclusive para ela:

Desta forma, inclino-me em reverência ao sacrifício (hoje conhecido por mim) na vida *vivida* por Pierre Verger. Inclino-me também para pedir desculpas públicas pela implicância que tinha com a insistência dos que gostavam de conhecer e descobrir os segredos do candomblé e tornar público uma parte deles. Sinceramente, quando jovem não gostava de vê-lo horas conversando com minha Mãe Senhora. Pensava (como hoje pensam sobre mim) que ele se aproximava dela apenas para fazer uso de seus conhecimentos (SANTOS, 2018, p. 11).

Nota-se, de forma categórica, nas palavras da ialorixá, a típica desconfiança dos religiosos diante da presença de um pesquisador que, mesmo sendo iniciado – e, portanto, tido como *insider* –, neste caso além de branco é francês. O medo se justifica pelo risco de dano no trânsito do conhecimento religioso entre o terreiro e a academia. Para muitos a publicação das imagens representou um dano ao coletivo.

E, ainda que suspendamos qualquer tentativa de dano, facultando ao pesquisador a sua inocência diante da revelação, há que se problematizar que o equívoco produzido foi legitimado por um lugar de confiança que Verger ocupava nas comunidades que frequentava e nas quais realizou os seus estudos. Do ponto de vista ético, discute-se que a permissão para entrar, para se iniciar e divulgar determinados elementos não significa a tratativa desse contexto como algo que deva se abrir ao mundo, em uma perspectiva de que quanto mais se conhece mais se respeita, mas de que qualquer revelação deve ser consentida – ou melhor, o pesquisador que originariamente não é *insider* e que se torna *insider* em função da iniciação, como no caso de Verger, deve manter-se alinhado aos pressupostos que outrora guiaram a sua chegada a campo: *posso entrar, posso registrar, posso divulgar*? A opção pela revelação não é do pesquisador *insider*, ainda que este seja nativo da comunidade e da cultura de referência. A decisão não é e nunca será apenas de alguém, ainda mais do pesquisador, mas do campo, corporificado pelas pessoas que o compõem, pelos sacerdotes que o habitam e pelos personagens que circulam para que seja possível ao *insider*, em seu ofício de pesquisador, narrar.

¹² Em outro dos seus livros, *Ewé: o uso das plantas na sociedade ioruba* (1995), Pierre Verger “brinca” novamente com o segredo já que, ao tratar dos trabalhos maléficos com base no uso de ervas, em um momento ele afirma que mesmo tendo sob seu poder nove receitas para matar pessoas (Verger, 1995, p. 77) não fornecerá essas receitas, e mais adiante (Verger, 1995, p. 311) revela a receita de um “Trabalho para matar alguém”.

Ainda sobre a obra de Verger (2018), é válido ressaltar que, mesmo de cunho artístico e etnográfico, para muitos a sua atitude acabou expondo os segredos rituais de uma cultura já amplamente marginalizada no Brasil. Isso fica ainda mais delicado sendo ele um declarado adepto/praticante dessa religião. Para aqueles, que consideram que houve infração do segredo, mesmo possuindo o aval dos membros das comunidades religiosas fotografadas, sua atitude seria, no mínimo, questionável, já que, ao comparar os rituais no Benin, muitos realizados em praças públicas, com os do Brasil, onde os rituais são restritos aos terreiros e ficam sob segredo, o pesquisador teria incorrido no reforço da histórica perseguição a essas expressões religiosas. Segundo esse olhar, principalmente por sua condição de pesquisador *insider*, ele não deveria deixar de contextualizar minuciosamente tais distinções.

Contudo, merece destaque um questionamento deixado pelo legado de Verger: por que o segredo é, muitas vezes, exposto por muitos pesquisadores e artistas, tanto “de dentro” como “de fora”, uma vez que para o povo do santo tal exposição é amplamente proibida? Afinal, a primeira premissa compreende que os segredos rituais não devem ser expostos de forma externa às comunidades tradicionais de terreiro e ao povo do santo, exatamente por comporem o arcabouço dos fundamentos religiosos do candomblé. Vale pontuar que não cabe a este estudo responder essas premissas, mas apontar, retomando a reflexão acerca dos estudos de Verger (2018), que é também dessa forma que os segredos em domínio público, como comentados por Araújo (2018a), foram revelados, perderam a proteção dos terreiros e sofreram a imposição de estigmas racistas (PRANDI, 2004).

A condição de pesquisador *insider* demanda por movimentações específicas do pesquisador no campo de pesquisa, abordagens essas que podem ser melhor caracterizadas pelos termos “de fora e de longe” e “de perto e de dentro” do antropólogo Guilherme Magnani (2002). Aqui entra o diálogo entre a questão do racismo nas pesquisas acadêmicas acerca dos candomblés. Para além de não expor o segredo ritual, é preciso não ser racista ao buscar resultados sobre as religiões afro-brasileiras e possivelmente o olhar “de dentro” permita, ou ao menos favoreça, tal procedimento. Isto, evidentemente, sem perder a postura de pesquisador. Muitas das interpretações acadêmicas, ainda que não tão explícitas como no caso de Nina Rodrigues, são fruto de um racismo estrutural que não poderia deixar de atingir também o pesquisador, seja ele branco ou negro, de santo ou não.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro dessa discussão é impossível, ou no mínimo desonesto, não apontar para a questão do racismo, sobretudo o racismo à brasileira, marcado pela denegação à negritude (GONZALES, 1988). Para complementar este quadro, ser negro no Brasil é um processo social demasiadamente complexo, ao passo que não se nasce negro, torna-se negro através de uma conquista dura e cruel desenvolvida ao longo da vida, ao passo que a identidade negra não é uma coisa pronta, mas algo em constante construção (SOUZA, 1990). Destacamos também que, no Brasil, essa construção atravessa inúmeros obstáculos, dentre eles o ideal de ego branco e a cultura dominante ser a do colonizador, ou seja, a do branco, o que imprime nos sujeitos negros um ideal de ego inatingível (COSTA, 1990). É ainda esse racismo e ideal de brancura que sobressaíram, quase que naturalmente, sobre nossos postulados acadêmicos.

Justamente por esse contexto, uma perspectiva outra, embora estas não sejam tão amigavelmente aceitas, só tende a acrescentar no desenvolvimento científico de nossas universidades. É dessa forma que o pesquisador *insider* tem favorecido a possibilidade de uma pesquisa respeitosa, que permite, inclusive, a prevalência da história de resistências inerente aos candomblés. A condição de candomblecista permite ao pesquisador adentrar alguns terreiros de maneira a pesquisar alguns assuntos que somente emergem a partir de observações decorrentes das vivências do candomblé. Por outro lado, possivelmente, o não candomblecista não veria esses pontos como potenciais campos de pesquisa, dado que algumas dessas problemáticas surgem a partir do cotidiano do terreiro. Ainda, ser do santo, pesquisar a partir da perspectiva *insider* permite a relação com adeptos de terreiros e também possibilita uma inserção maior ao campo de pesquisa que, por sua vez, também é o campo religioso. Nesse aspecto, percebe-se uma dupla função social e experiencial: vivenciar seu pertencimento religioso e pesquisa-lo, atentando-se para as dimensões do que é a pesquisa e o que é o segredo ritual.

Há quem questione a qualidade da ciência produzida a partir do “olhar de dentro” e dessa imersão vivencial em campo (RIBEIRO, 1978; GAIA, 2020). Mas, como já pontuado ao longo do presente estudo, a possível neutralidade científica é, por sua vez, uma noção ilusória impressa pelo eurocentrismo (SCORSOLINI-COMIN, 2020). Aquele que pesquisa, pesquisa sobre algo ou alguma coisa a partir de algum lugar. Até que isso fosse compreendido, fez-se tardia a aceitação da ideia de um pesquisador *insider*

(ARAÚJO, 2018a). No caso do Brasil, mais tarde ainda, dado os obstáculos do *apartheid* social e racial aqui estruturado e a recorrente condição de objeto de pesquisa de sujeitos marginalizados.

Ainda que com esse movimento, e respaldados por estudos que legitimam essa inteligibilidade, deve-se considerar que tais pesquisas continuam enfrentando resistências. Sobretudo em campos habitados por lógicas que fragmentam o sujeito e que o exploram a partir de determinismos e condicionantes que excluem do campo experiencial a dimensão da vivência religiosa, aspecto intrínseco à experiência humana, sobretudo quando discutimos as matrizes africanas, alvo de preconceitos, racismo e intolerância religiosa (SCORSOLINI-COMIN, 2018; GAIA, 2020; GAIA, 2021a; 2021b; GAIA; VITÓRIA, 2021).

Ainda, buscando uma pesquisa asséptica e construída a partir da ilusória neutralidade do pesquisador ou, ainda, da fabulosa convivência harmônica entre os povos dentro do nosso país (SCHWARCZ, 2019). Assim, acaba-se marginalizando esses movimentos *insiders*, como se os mesmos não fossem científicos. Lutar pela revisão desses posicionamentos é uma tarefa árdua e cotidiana para os pesquisadores *insiders*, sobretudo aqueles posicionados no campo das religiosidades de matrizes africanas. Ser do santo, desse modo, deve ser composto para além de critérios folclóricos e exóticos que por vezes atravessam os olhares de outros pesquisadores que, por não serem *insiders*, observam à distância os desdobramentos do fazer *insider* na pesquisa.

No mais, as pesquisas sobre candomblé, podem contribuir no combate à intolerância e ao racismo religioso se bem trabalhadas e quando abertas às considerações de um pesquisador *insider*. Todavia, ser do santo e pesquisador é uma dualidade complexa, na medida em que o segredo ritual é um elemento fundamental na cultura do Candomblé. Portanto, é preciso fazer pesquisa com a devida atenção para não expor, de forma irresponsável, os conteúdos do segredo ritual. É preciso tomar cuidado, também, porque uma vez expostos àqueles que não detêm legitimidade para acessar o *awo òrìṣà*, esses segredos tornam-se vítimas de uma sociedade racista devido às suas origens. Sendo assim, cabe finalizar esse ensaio pautando o vigor reestruturador de pesquisas realizadas pelos pesquisadores *insiders* do candomblé, na medida em que estas legitimam uma epistemologia própria, não necessariamente branca ou negra, mas certamente anti-hegemônica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Katia de Souza. Proximidade/distanciamento: a intercorporeidade e a mútua constituição eu-outro-ambiente. In: LEME, M. I.; OLIVEIRA, P. S. (Orgs.). Proximidade e distanciamento: superando dicotomias. São Paulo: *Casa do Psicólogo*, 2011. p. 91-118.

ANI, Marimba. Yurugu: An african – Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior. Trenton: *Africa World Press*, 1994.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: *Letramento*, 2018.

ARAÚJO, Patrício Carneiro. Awo Òrìsà: o segredo ritual como fonte do poder dos ègbónmí. *Revista Nures*, n. 22, p. 1-23, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/nures/article/view/21187/15488>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

ARAÚJO, Patrício Carneiro. Desafios da antropologia contemporânea: elementos para se pensar o antropólogo insider no campo da antropologia das populações afro-brasileiras. In: CLEMENTE, C. C.; SILVA, J. C. G. (Orgs.). Culturas negras e ciências sociais no século XXI: perspectivas afrocentradas. Uberlândia: *EDUFU*, 2018a, p. 11-68. Disponível em: <http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/ebook_culturas_negras_e_ciencias_sociais_no_seculo_xxi_edufu_3.pdf>. Acesso em 10 jan. 2020.

ARAÚJO, Patrício Carneiro. Segredos do Poder: hierarquia e autoridade no Candomblé. São Paulo: *Arché*, 2018b. 256p.

BASTIDE, Roger. O Candomblé da Bahia (Rito Nagô). Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: *Companhia Editora Nacional*, 1961.

CARNEIRO, Edison. Candomblés na Bahia. 9.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008. 178p.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não ser como fundamento do ser. 2005. 339f. Tese (Doutorado) em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo/SP.

CASTRO, Maurício Barros de; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Um Verger, Dois Olhares: a construção da africanidade brasileira por um estrangeiro. *Caderno CRH*, Salvador, v. 29, n. 76, p. 149-164, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792016000100149&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 fev. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792016000100010>.

CICONELLO, Alexandre. O desafio de eliminar o racismo no Brasil: a nova institucionalidade no combate à desigualdade racial. In: GREEN, Duncan. (org.). From poverty to power: how active citizens and effective states can change the world. London: *Oxfam*, 2008. (From Poverty to Power Case Study).

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Ou as vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. 2. ed. Rio de Janeiro: *Edição Graal*, 1990.

GAIA, Ronan da Silva Parreira. Para início de conversa: resistência compromisso e coragem. In: GAIA, Ronan da Silva Parreira; VITÓRIA, Alice da Silva; ROQUE, Ariel Teixeira. Candomblé no Brasil: resistência negra na diáspora africana. Jundiaí: *Paco Editorial*, 2020. p. 17-18.

GAIA, Ronan da Silva Parreira. 'Chuta que é macumba!': racismo e intolerância religiosa em comentários de vídeos de candomblés disponíveis no YouTube. Temática - *Revista eletrônica de publicação mensal*, v. 17, p. 61-79, 2021a.

GAIA, Ronan da Silva Parreira. O NEGRO-ACADÊMICO E AS TENSÕES ENTRE O QUERER-SER-PERTENCER EM ESPAÇOS EXCLUDENTES. *Revista ABPN*, v. 13, p. 366-386, 2021b. <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2021.v13.n.35.p366-386>

GAIA, Ronan da Silva Parreira; VITÓRIA, Alice da Silva. Orixás, Nkises e Voduns: as nomenclaturas e etnias dos sagrados nos candomblés Ketu, Bantu e Jeje. *Revista Calundu*, v. 5, p. 45-63, 2021.

GAIA, Ronan da Silva Parreira; VITÓRIA, Alice da Silva; ROQUE, Ariel Teixeira. Candomblé no Brasil: resistência negra na diáspora africana. Jundiaí: *Paco Editorial*, 2020.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, 1988.

HARRIS, Cheryl. Whiteness as a Property. *Harvard Law Review*, v. 106, n. 8, p. 1707-1791, jun. 1993.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002.

MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. In: *3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB-RJ*, 5 nov. 2003. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>>. Acesso em 11 jan. 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: *Perspectivas*, 2016.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. A Palavra Cantada em Comunidades-terreiro de Origem Iorubá no Brasil: da Melodia ao Sistema Tonal. 2008. 238p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, SP.

OLIVEIRA, Eduardo. Epistemologia da Ancestralidade. *Entrelugares: revista de sociopoética e abordagens afins*, v. 1, p. 1-10, 2009.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil como axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 223-238, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300015>. Acesso em: 04 jan. 2020.

RIBEIRO, René. Cultos afro-brasileiros do Recife. 2. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978. 162p.

RODRIGUES, Nina. O animismo fetichista dos negros baianos. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: *Fundação Biblioteca Nacional/Editora UFRJ*. 2006.

SANTOS, Maria Stella A. Prefácio. In: VERGER, Pierre. Orixás: desses iorubás na África e no novo mundo. Trad. Maria Aparecida da Nóbrega. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018. 308p. (Original publicado em 1981)

SANTOS FILHO, Eudaldo Francisco dos. A TRANSMISSÃO ORAL DE VALORES ANCESTRAIS NO CANDOMBLÉ COMO PRÁTICA EDUCATIVA. *Revista da ABPN*, v. 12, n. 32, p. 269-296, abr. 2020. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/824>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

SCHWARCZ, Lília Moritz. O espetáculo da miscigenação. *Cadernos Ultramares*, Lisboa, n. 27, p. 1-85, 2019.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Cantar em iorubá e resistir em solo brasileiro: racismo e intolerância no contexto do candomblé. In: GAIA, Ronan da Silva Parreira; VITÓRIA, Alice da Silva; ROQUE, Ariel Teixeira. Candomblé no Brasil: Resistência negra na diáspora africana. Jundiaí: *Paco Editorial*, 2020. p. 91-94.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. É como mexer em um vespeiro: a consideração das religiões afro-brasileiras no cuidado em saúde. *Revista da SPAGESP*, v. 19, n. 1, p. 1-5, 2018.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques; SANTOS, Manoel Antônio dos. Com a licença de Oxalá: a ética na pesquisa etnopsicológica em comunidades religiosas. *Revista da SPAGESP*, v. 18, n. 2, p. 86-99, 2017.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio.; RIBEIRO, Ariadne Christie Silva; GAIA, Ronan da Silva Parreira. Tradição e socialização nos terreiros de Candomblé de Uberaba-MG: análise bioecológica dos percursos religiosos. *Psicologia & Sociedade*, v. 32, e223042, p. 1-18, 2020.

SILVA, Alice Cristina da. A Tradição Oral no Candomblé. 2017. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Religiões e Religiosidades Afro-Brasileira: Política de Igualdade Racial em Ambiente Escolar). *Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG*. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/11024/1/alicecristinadasilva.pdf>>. Acesso em 02 jan. 2020

SILVA, George da Hora. No Tempo de Finado: conflito geracional, poder e mando em um Candomblé de Salvador. 2019. 120f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos). Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/31281/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20%20Final%20George.pdf>>. Acesso em 04 jan. 2020.

SILVA, Suellen F. S.; PIOTTO, Débora C. Estudantes negros em uma universidade branca: a experiência em cursos de alta seletividade da Universidade de São Paulo. In: GODOY, D. B. O. A.; BAIRRÃO, J. F. M. H. (org.). *Etnopsicologia brasileira: mosaico e aplicações*. Ribeirão Preto: FFCLRP/USP, 2018. p. 140-154.

SILVA, Vagner Gonçalves da. O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: *Editora da Universidade de São Paulo*, 2006.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Ou as vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. 2. ed. Rio de Janeiro: *Edição Graal*, 1990.

VERGER, Pierre. Orixás: desses iorubás na África e no novo mundo. Trad. Maria Aparecida da Nóbrega. Salvador: *Fundação Pierre Verger*, 2018. 308p. (Original publicado em 1981)

VERGER, Pierre Fatumbi. Ewé: o uso das plantas na sociedade iorubá. São Paulo: *Companhia das Letras*, 1995.

Recebido em: 25/06/2021

Aprovado em: 16/11/2021